FUNAP

Amparo ao Preso e ao Egresso

Uma nova chance de vida para todos!

Jornal: Estado de São Paulo

Caderno: Classificados - Empregos

Data: 09/09/04

Informe Publicitário

ABRH-NACIONAL

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE RECURSOS HUMANOS

Presidente: LUIZ CARLOS CAMPOS
Vice-Presidente: RALPH ARCANJO CHELOTTI

POWERED BY radiumsystems.com

Nº 828 - ANO VIII - QUINTA-FEIRA 9 DE SETEMBRO DE 2004

RESPONSABILIDADE SOCIAL

Ex-detentos voltam à criminalidade por falta de renda

De janeiro a julho deste ano, cerca de 65% dos detentos ganharam liberdade, mas voltaram às prisões. Na sua grande maioria, eles alegam que o retorno à criminalidade deve-se à dificuldade de gerar renda. A informação vem da Funap - Fundação Dr. Manoel Pedro Pimentel de Amparo ao Preso, órgão ligado à Secretaria de Administração Penitenciária de São Paulo, e revela a ponta do iceberg de uma das mais complexas formas de exclusão social.

Além dos problemas pela baixa qualificação profissional e educacional e pelos altos índices de desemprego, ex-detentos sofrem uma discriminação implacável, que os coloca no final de qualquer fila para uma vaga. "Conhecemos casos de egressos que são aprovados em processos seletivos e barrados pela empresa na entrega da documentação. O mundo do crime é a única porta que nunca se fecha para eles, portanto recusar um ex-detento é retro-alimentar a criminalidade", diz o diretor-adjunto de atendimento e promoção humana da Funap, Adilson Fernandes de Souza.

Maria de Fátima, da Gelre: exclusão cria populações economicamente inviáveis

O emprego para quem ainda está cumprindo pena é um pouco menos complicado. Enquanto as pessoas estão presas, a receptividade é positiva, embora ainda em pequena escala, porque as empresas sabem que existe o suporte de uma instituição por trás dos contratados. Mas, quando o detento ganha liberdade, a grande maioria o demite e contrata outro trabalhador preso. Os profissionais de RH, diz Souza, ficam temerosos de serem responsabilizados se um ex-detento for contratado e causar problemas.

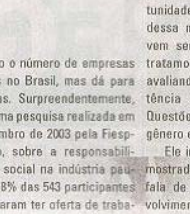
Há de se levar em conta, também, que, enquanto o ex-detento é contratado pela CLT (Consolidação das Leis do Trabalho), os detentos são regidos pela LEP (Lei de Execução Penal), o que dispensa a empresa dos encargos sociais. "A empresa que faz a contratação só quando o preso está na cadeia não pode ser considerada socialmente responsável", opina a coordenadora do NAS – Núcleo de Ação Social da Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo), Anne Louette.

SEGUNDA CHANCE

Não se sabe ao certo o número de empresas que contratam egressos no Brasil, mas dá para garantir que são poucas. Surpreendentemente, em uma pesquisa realizada em novembro de 2003 pela Fiesp-Ciesp, sobre a responsabilidade social na indústria paulista, 8% das 543 participantes afirmaram ter oferta de trabalho para egressos, índice elevado levando-se em conta que, atrás dele, vieram políticas para contratação de pessoas com mais de 45 anos (5%) e de afrodescendentes (2,7%). "Há empresas que contratam ex-detentos, mas não querem divulgar para seus funcionários", supõe Anne.

Na Funap, a única boa referência lembrada é a Rentalcenter, locadora de equipamentos pertencente ao mesmo grupo da Gelre, empresa de RH que desenvolve um programa de qualificação profissional no presídio de Franco da Rocha, cidade próxima da capital paulista.

Atualmente, a Rentalcenter, parceira de Gelre nesse projeto, emprega dois egressos. Um deles, o técnico em metalurgia Ieve Ricardo Teixeira da Silva, de 41 anos, cumpriu pena de 22 anos por homicídio. Durante esse período, perdeu a conta dos colegas que eram libertados e voltavam à prisão. Quase sempre, a explicação era a mesma: falta de emprego. Por isso, ele fazia planos de ir embora do país ao ser solto, mas, ao cumprir a pena, foi contratado. "Eu participava da oficina em Franco da Rocha e, quando me ofereceram o emprego, abracei a oportunidade com todas as forças." Há cerca de dois anos e meio trabalhando em liberdade, Silva faz um apelo: "Um camarada que se propõe a mudar de vida e que passou pelas dificuldades que a gente passa na cadeia merece uma oportunidade, desde que bem-assistida. Todo ser humano tem direito à segunda chance".



Nascimento, do Metrô: oportunidade de ressocialização com ações de inclusão

O diretor da Rentalcenter, Jan Maria Wiegerinck, concorda. "A partir do momento que esses profissionais deixam o sistema carcerário, voltam a fazer parte do grupo que busca uma oportunidade de emprego e é dessa maneira que devem ser tratados. Contratamos profissionais avaliando suas competência e habilidades. Questões como raça, gênero e condição social não devem interferir."

Souza, da Funap: recusar ex-detento é retro-alimentar a criminalidade

Ele informa, ainda, que a experiência tem se mostrado produtiva, principalmente quando se fala de relacionamento interpessoal e desenvolvimento de equipes.

EMPRESAS E GOVERNO

Cerca de 150 presos passaram pelo curso de capacitação da Gelre em Franco da Rocha. "Embora os presídios tenham suas próprias oficinas e estas sejam boas iniciativas, observamos que havia poucas possibilidades de capacitação", explica a gerente de responsabilidade social da empresa, Maria de Fátima e Silva. A diversidade tem sido tema de suas palestras em ONGs, escolas e empresas. "Fazemos um trabalho de sensibilização. Procuramos mostrar que, com a exclusão, estamos criando populações economicamente inviáveis, que se refletem diretamente nas relações sociais."

Outra das poucas empresas que contrata egressos é a Real Food, fornecedora de alimentos prontos para o sistema penitenciário paulista. A diversidade faz parte do programa de responsabilidade social da empresa, que hoje tem 1% de egressos e 10% de detentos em seu quadro, o que a tornou referência no manual *O que as Empresas Podem Fazer pela Reabilitação do Preso*, lançado pelo Instituto Ethos em 2001.

Ainda que sejam isoladas, as iniciativas indicam que promover a inclusão é mais uma questão de querer do que de poder. "Assumir a qualificação e o aproveitamento de ex-detentos é parte da responsabilidade social das empresas e uma atitude estratégica", diz a vice-presidente de Responsabilidade Social da ABRH-Nacional, Jorgete Lemos, que faz uma ressalva: "Mensalmente, mais de 4 mil pessoas deixam os presídios em São Paulo. Se não tiver um planejamento para a sua reinserção à sociedade, haverá apenas transferência de responsabilidade do Estado para as empresas."

Para buscar soluções mais efetivas, a Funap vai iniciar, em outubro, um levantamento detalhado sobre as necessidades de egressos e estender os centros de apoio, hoje existentes em três regionais paulistas, para as demais (são oito no total), de forma a atendê-los nas áreas de qualificação profissional, integração familiar, atendimento jurídico e outras, apontadas como necessárias. "Também vamos implantar um projeto de geração de renda", conta Souza, que busca parcerias com as iniciativas pública e privada para viabilizar o projeto.

RH RESPONSÁVEL

Mesmo que queiram, as empresas do setor público não podem contratar egressos do sistema penitenciário, devido à obrigatoriedade de concurso público para preencher as vagas. "Em compensação, não há qualquer tipo de restrição para que ex-presidiários participem do processo, passem no concurso e trabalhem conosco", enfatiza o gerente de RH da Companhia do Metropolitano de São Paulo (Metrô), Fabio José do Nascimento.

Em agosto, o Metrô, que já possui programas bem-sucedidos de emprego para jovens da Febem e de comunidades carentes, fez um convênio com a Funap e contratou dez presidiários para trabalhar na montagem de móveis para a empresa, já que o mobiliário está sendo trocado. "Decidimos fazer algo de efetivo. Além de preços competitivos e a mesma qualidade oferecida no mercado, promovemos a inclusão dessas pessoas. Essa é a oportunidade de ressocialização com ações de inclusão. Os profissionais de RH são responsáveis por mudanças de comportamento e efetivamente devemos dar o exemplo", salienta Nascimento.

"Quando decidem ocupar postos em uma área estratégica e têm a possibilidade de gerar o desenvolvimento das pessoas, os profissionais de RH assumem também a responsabilidade de alavancar processos de transformação nas mentes preconceituosas", completa Jorgete.